

José Pinto Peixoto como professor e pessoa

Carlos Pires¹

¹ Professor Auxiliar do Departamento de Engenharia Geográfica, Geofísica e Energia da FCUL e Investigador Sénior do Instituto Dom Luiz

José Pinto Peixoto (JPP) foi um daqueles meus professores com uma personalidade, um cariz, uma genialidade, uma forma de ensinar e escrever, todas tão vincadas que deixou indelevelmente marca na forma como comunico hoje nas minhas aulas. Foi em 1984 na cadeira de Termodinâmica que os secundanistas de Física como eu, tomámos conhecimento com JPP num dos anfiteatros da, já na altura, centenária e histórica Escola Politécnica. Já íamos de sobreaviso pelos colegas mais velhos que JPP era uma celebridade da Física e da Meteorologia e que valeria a pena ‘absorver’ tudo o que dizia como uma esponja. As suas aulas bastante sonoras, vivas, interativas e saudavelmente intimidatórias, eram apoiadas por elegantes e caligraficamente belas fórmulas escritas no quadro preto com giz que à mínima distração vinda do fundo da sala, era disparado das mãos de Peixoto atingindo certamente alguém a quem a seguir perguntava: ‘Então, meu menino, enuncie-me lá o Primeiro Princípio da Termodinâmica’. JPP não esquecia os seus alunos, fossem bons ou maus, mantendo com eles uma relação de quase paternalismo. As provas orais obrigatórias de JPP eram intensas e por vezes tinham versões coletivas com 3 a 4 alunos simultaneamente no quadro. Dessas orais fazia parte a averiguação do caderno diário da disciplina cujos melhores exemplares ficavam retidos pelo professor, e que para tal precaver deveriam ser fotocopiados com antecedência.

É costume lembrar antigos professores pelas suas ‘piadas’ ou pelas suas idiossincrasias. Era por exemplo vulgar JPP corrigir-se ao dar matéria libertando um ‘Está salva a Pátria’ ou usando citações bíblicas de Eclesiastes graças à sua grande bagagem cultural. No entanto, dele, JPP, muito mais ficou, tal como os geniais exemplos explicativos dos conceitos físicos. Relembro, por exemplo as suas frases: Diluir o café com uma colher significa anular o Laplaciano da sua concentração’ ou ‘As nuvens são a caligrafia do céu sem erros de ortografia’ para ilustrar que a cada tipo de nuvem correspondem certos processos óticos e da termodinâmica do ar húmido e da precipitação. Ou ainda a mnemónica do diagrama termodinâmico de Born-Tisza ‘Se Urso Vires Foge Tocando Gaita Para Hamburgo’ cujas iniciais correspondem à sequência: S-Entropia, U-Energia, V-Volume, F-Energia Livre, T-Temperatura, G-Potencial de Gibbs, P-Pressão, H-Entalpia. JPP tinha, tal como Feynman, a capacidade de transmitir a ubiquidade da Física na natureza como no seu exemplo de mostrar que a conservação do momento angular está tanto no aumento da velocidade angular de uma bailarina ao fechar os braços como na presença dos ventos de oeste às latitudes médias na atmosfera terrestre. Foi também, pela boca de JPP que pela primeira vez ouvi falar do ‘efeito borboleta’, graças à sua convivência científica com o descobridor do caos determinista Edward Lorenz através das suas colaborações nos Estados Unidos da América e que veicularam para Portugal investigações primordiais na área da Circulação Geral

da Atmosfera e dos Balanços Globais do Sistema Climático. A esse respeito, Peixoto foi contemporâneo e colaborador, nomeadamente com um dos Laureados Nobel de 2021, Syukuro Manabe.

JPP era pessoa exigente e rigorosa, mas que também sabia valorizar publicamente quem merecia. Esse sentimento era expresso em todas as provas académicas e que pude bem comprovar em 1988 na minha própria prova de ‘Estágio Profissionalizante’ e que cobria integralmente o 5º ano da licenciatura em Ciências Geofísicas nos anos 1980-90. Após o regresso do meu doutoramento na Universidade de Paris em outubro de 1996 tive o prazer de conversar várias vezes com José Pinto Peixoto e relembro como eu, já mais emancipado cientificamente, consegui dialogar e desfrutar ainda mais da sua cultura e manifestar o entusiasmo e energia de um recém-doutorado. Poucos meses depois assistimos, nós colegas da FCUL à sua morte inesperada em dezembro de 1996 deixando academicamente órfãos muitos que com ele partilharam conhecimentos e privaram.

É com louvável empenho que vale a pena evocar a memória de José Pinto Peixoto pelo centenário do seu nascimento, pelo seu legado e pelo esforço em trazer para a atualidade internética a qualidade dos seus escritos, da sua obra e das suas aulas.

Lisboa, março de 2022



Carlos Pires, é Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e investigador sénior do Instituto Dom Luiz. PhD em Meteorologia pela Universidade de Paris VI (França, 1996). Tem realizado diversos trabalhos na área da Meteorologia, Clima, Oceanografia e Modelação Estatística de séries temporais. Tem desenvolvido metodologias de separação de fontes estatísticas e cálculos poli-espaciais (e.g. temperatura do mar) para diagnóstico de não-linearidade e não-Gaussianidade em séries geofísicas. Tem também estudado o problema inverso em oceanografia (e.g. tsunamis), previsão e modelação probabilista de secas e assimilação não-linear de dados. Contribuiu também para a modelação estatística da pandemia de COVID na Europa.